



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

CADERNO DE RESUMOS

Colóquio Mulheres na Edição

ano 1



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Apresentação ao Colóquio Mulheres na Edição

O grupo de estudos **Mulheres na Edição** surgiu em 2019, sob a coordenação de três pesquisadoras cujos trabalhos, de algum modo, focalizavam a história das mulheres no campo editorial. A partir da aprovação de um projeto de pesquisa no edital universal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, o trio se propôs estudar textos importantes, mensalmente, e franqueou esses encontros a outras e outros pesquisadoras/es que deles quisessem participar. Com a crise sanitária da Covid-19, que assolou o mundo, esses encontros mensais passaram a acontecer pela internet, o que propiciou a adesão de mais pesquisadoras/es, de várias partes do país e da América Latina. Depois de **um ano ininterrupto de atividades**, o grupo celebra estes encontros promovendo três oficinas de criação, *lives* e as apresentações de 19 trabalhos de membros deste coletivo. É uma grande alegria viver este momento e vislumbrar que venham outros.

Ana Elisa Ribeiro
Maria do Rosário Alves Pereira
Paula Renata Melo Moreira
CEFET-MG
Coordenadoras do grupo de estudos
Mulheres na Edição



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDUCAÇÃO
CEFET-MG

Os imaginários sociodiscursivos sobre trabalho na narrativa de trabalhadores e trabalhadoras: uma estratégia de visibilização dos seus saberes e fazeres

Propus como projeto de doutoramento o desenvolvimento de uma pesquisa-ação que objetiva descrever e analisar os enunciados de trabalhadores sobre sua trajetória profissional, visando a explicitar seus imaginários sociodiscursivos, as condições de produção destes, os modos de organização dos discursos, seus deslizamentos de sentidos e as posições dos sujeitos a ele vinculados. Pretendo abarcar três categorias de trabalhadores: os terceirizados do CEFET-MG, os artesãos indígenas que vivem em BH e os músicos de samba de terreiro, que fazem apresentações nas ruas de BH, como o Samba da Meia Noite (realizado embaixo do Viaduto Santa Tereza). Interessa escutar as narrativas de vida e trabalho dessas categorias profissionais, muitas vezes invisibilizadas como trabalhadores/autores de seu trabalho. Como seu discurso é formado? Quais as vozes sociais presentes em sua voz? Quais inscrições socioideológicas do sujeito enunciator trabalhador e trabalhadora? Quais os meios de construção da autoria sobre a narrativa de seu trabalho? São algumas questões norteadoras. O método a ser utilizado será o biográfico, com o uso de entrevistas semiestruturadas e grupos focais. A categorização e a análise dos dados coletados serão elaboradas a partir dos referenciais da semiolinguística de Charaudeau.

Adriana de Paula Reis
Doutoranda em
Estudos de Linguagens
POSLING | CEFET-MG

Palavras-chaves Narrativa de Si. Análise do discurso. Trabalho.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDUCAÇÃO
CEFET-MG

A vocalidade na poesia do *Slam* das Minas

Este trabalho investiga o espaço da voz no *Slam das minas*, com o intuito de propor reflexões sobre a pesquisa que está sendo elaborada. É necessário observar a adoção de políticas de promoção da igualdade de oportunidades de gênero e raça como práticas recentes no país, mas também como necessárias para se pensar as questões levantadas pelas pessoas das classes minoritárias participantes da batalha. Visa-se à compreensão dos sentidos da poesia performática do *Poetry Slam*, que é produzida, em sua maior parte, por poetas negras que são enquadradas na literatura marginal/periférica. Outro ponto importante é a intenção de apresentar uma perspectiva histórica do movimento no Brasil, com foco no contexto do Rio de Janeiro, e assim refletir sobre noções que desafiam o conceito de literatura, além de pensar na sua produção. Em relação a esses grupos sociais, pode-se identificar uma questão: pensar a literatura feita por mulheres/poetas de denominação negra.

**Ana Paula
Almeida Moreira**
Prefeitura Municipal de
Campos dos Goytacazes

Palavras-chaves Vocalidade. Poesia. Feminismo negro.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Intelectuais, instituições e práticas letradas.

Intercâmbios e consumo cultural entre Europa e América Latina (1870-1930)

A pesquisa que desenvolvo neste momento pretende analisar as conexões estabelecidas entre intelectuais e instituições brasileiras e estrangeiras envolvidas em um projeto de escrita da história nacional entre 1870 e 1930. O objetivo principal é ressaltar as relações que os letrados brasileiros do período mantiveram com intelectuais de outros países, tanto na Europa quanto na América Latina, num movimento que envolvia a modernização das instituições de saber brasileiras e o intercâmbio de documentos e informações entre esses agentes e os espaços em que atuavam. Pretendemos com esta pesquisa: 1) demonstrar que o principal resultado desse processo de intercâmbio intelectual e institucional foi a definição de acervos que passaram a ser entendidos como característicos de uma determinada nação, isto é, como seu “patrimônio”, pois indicativo de um suposto “lastro temporal” desses países; 2) evidenciar o lugar estratégico ocupado por alguns homens de letras como agentes que contribuíam para fazer do passado e das culturas latino-americanas uma valiosa *commodity* neste comércio cultural entre nações.

**Ana Paula
Sampaio Caldeira**
Departamento de História
Universidade Federal
de Minas Gerais

Palavras-chaves Intercâmbios Culturais. Intelectuais. Instituições Culturais.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDUCAÇÃO
CEFET-MG

A mineira Francisca Senhorinha M. Diniz, uma editora destemida

Em 1873, Francisca Senhorinha Motta Diniz (?/1910) edita e publica seu primeiro jornal, *O Sexo Feminino*, em Campanha da Princesa, Minas Gerais. A ousada professora dedicou seu jornal à educação, à instrução e à emancipação das mulheres durante toda a existência de suas publicações. Com a transferência de Francisca Senhorinha para o Rio de Janeiro, em 1875, *O Sexo Feminino* passa a ser editado na Corte, mas teve algumas interrupções entre as suas publicações, que inclui o período da epidemia da febre amarela, em abril de 1876. O periódico conservou o mesmo título até 1889 e, em dezembro do mesmo ano, com a Proclamação da República, teve seu nome alterado para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. Nosso trabalho aborda, principalmente, o período do nascimento do jornal na cidade de Campanha, o protagonismo de Francisca Senhorinha e a imprensa local, assim como aborda a questão da expansão das tipografias no século XIX, que contribuíram para a emancipação feminina e o aparecimento das mulheres editoras.

**Angela Maria
Rodrigues Laguardia**
Doutora em Estudos Portugueses
pela Universidade Nova de Lisboa

Palavras-chaves Mulheres Editoras. Século XIX. Educação e Sufrágio Feminino.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDUCAÇÃO
CEFET-MG

A trajetória de uma personagem negra em uma narrativa biográfica para crianças: análise de *Rosa: Rosa Parks* (2019), de Gabriela Bauerfeldt

No século XXI, o gênero biográfico apontou para um novo período de ascensão literária, apresentando figuras de destaque na sociedade, por meio de narrativas ditas historiográficas (DÖSSE, 2015). Em um levantamento realizado no cenário de produção editorial de livros infantis no Brasil*, notou-se que, entre 2003 e 2018, foram publicadas mais de cem diferentes obras sustentadas por meio desse gênero textual para o público infantil. A partir do levantamento citado, percebemos que a esmagadora maioria de biografias eram de personagens brancos e masculinos. À vista disso, após realizar uma análise crítica do levantamento e averiguar as produções contemporâneas do cenário editorial brasileiro, optamos por analisar o livro *Rosa: Rosa Parks* (2019), escrito por Gabriela Bauerfeldt e publicado pela editora Mostarda, como parte da coleção Black Power. Nosso objetivo é, sobretudo, averiguar de que modo a história de vida de Rosa Parks, escrita por uma mulher, foi estruturada em uma narrativa direcionada para o público infantil e quais representações podem ser possíveis a partir da análise dessa obra. Ademais, objetivamos também problematizar a invisibilização da personagem, que foi precursora do movimento negro nos Estados Unidos, ainda que ocupando um lugar duas vezes marginalizado — o de sujeito negro e o de mulher.

Carolina Quetz
Vívian Soares
CEFET-MG

*Levantamento realizado por uma das autoras para compor sua dissertação de mestrado, a ser defendida em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG

Palavras-chaves Representação. Biografias Infantis. Personagens Negras.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Circulação literária na internet: um “possível” sistema para o tempo presente

Esta comunicação apresentará a pesquisa de tese sobre os modos como os algoritmos condicionam a circulação literária na internet, considerando que as estruturas de dados, cada vez mais, estão sendo naturalizadas pelos produtores e leitores nativos digitais do campo literário: o uso de SEO (Search Engine Optimization) para rankings (isto é, inteligência artificial), produção de resenhas e uso de mídias sociais para performance autoral. Deste modo, nosso objetivo é identificar quais são os elementos predominantes na circulação e a maneira como esses elementos estão nos campos discursivos. Para base teórica desse estudo, utilizaremos uma abordagem transversal, no sentido de que vários dos nossos autores perpassam diferentes disciplinas, mas discutem o mesmo tema: o desenvolvimento da informação. Utilizamos, por exemplo, a teoria de Milton Santos (2006) para as noções de técnica e de informação, com a perspectiva de compreender a função discursiva dos algoritmos. Também discutimos sobre o comportamento do usuário-leitor pela teoria de Han Byung-Chul (2015), destacando dos seus ensaios a ideia de estimulação cognitiva, erógena e contínua desses sujeitos na internet; abordamos, finalmente, pela teoria de Even-Zohar (2013) e Dominique Maingueneau (2009), o sistema de interseção pelo qual os algoritmos produzem os valores para o espaço literário.

Claudia Maria de Serrão Pereira
Doutoranda da
Universidade Federal
de São Carlos
Bolsista CAPES

Palavras-chaves Sistema. Algoritmos. Circulação Literária.



Poesia negra/afro-brasileira: articulações editoriais femininas

Partindo da noção de campo literário como o espaço social em que ações individuais e coletivas se influenciam mutuamente, envolvendo a produção, a circulação e o consumo do material literário, intrinsecamente relacionada à noção de valor e modificada de acordo com a posição que os atores ocupam na sociedade e no próprio campo, conforme estabelecido por Pierre Bourdieu, foi elaborado o levantamento estatístico das produções individuais de poesia negra/afro-brasileira, através dos dados disponibilizados pelo Portal Literafro. Os dados geraram análises organizadas por temas, como relação entre autor e quantidade de publicações; períodos e frequência das publicações; distribuição geoespacial de tais publicações pelo Brasil; e distribuição por casa editorial. Com essas análises, foi estabelecido um panorama da trajetória evolutiva da poesia negra/afro-brasileira e das dinâmicas editoriais e, até mesmo, sociais empreendidas pelos autores, editores e, muitas vezes, autores-editores negros, a fim de fazer circular uma poesia constituída por temática, autoria, ponto de vista enunciativo, linguagem e público afrocentrados, em uma sociedade pensada a partir de um ideal eurocêntrico. Contudo, além das questões raciais, esse levantamento também evidenciou a disparidade entre as publicações de autoria feminina e masculina, resultando neste trabalho, dedicado a perceber como as mulheres negras se articulam nesse espaço de sociabilidade duplamente avesso ao seu discurso: por questões étnicas e por questões raciais.

Fabiane Cristine Rodrigues
CEFET-MG

Palavras-chaves Autoria Feminina. Edição. Poesia Negra/Afro-Brasileira.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDUCAÇÃO
CEFET-MG

Clubes Leia Mulheres: gênero, redes sociais digitais e mediação de leitura

Considerando a carência de trabalhos sobre clubes de leitura no país, minha dissertação, ainda em fase inicial, almeja compreender as mediações existentes no Leia Mulheres, maior clube de leitura no Brasil, especialmente como intersecções entre gênero e uso de redes sociais digitais vinculam-se às práticas de leitura das(os) participantes. O projeto é uma iniciativa no formato de círculos de leitura organizados por mediadoras e abertos ao público, com a finalidade de ler e discutir obras de autoria feminina. A metodologia utilizada configura-se como etnografia aliada aos estudos de recepção para analisar, em outras palavras, como os usos da Internet configuram a manutenção dos clubes, dos debates e do compartilhamento literário, seja nos espaços digitais ou presenciais de interação. Em maio de 2020, houve a primeira etapa da pesquisa, quando foi aplicado um questionário no grupo nacional de mediadoras do Leia Mulheres, por meio do qual se obteve um total de 54 respostas. Diante desse levantamento, construiu-se uma base inicial sobre o perfil socioeconômico das mediadoras, o funcionamento dos clubes, questões relacionadas à leitura (curadoria, consumo, acesso), motivações pessoais dessas mulheres para criação de clubes em suas cidades, entre outros aspectos a serem debatidos na apresentação desta proposição.

Jean Silveira Rossi

Mestrando do
Programa de Pós-Graduação
em Comunicação Midiática
da Universidade Federal
de Santa Maria
Bolsista CAPES

Liliane Dutra Brignol

Professora do Departamento
de Ciências da Comunicação
da Universidade Federal
de Santa Maria

Palavras-chaves Mediações. Clube de Leitura. Leia Mulheres.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Elas editam: a relação entre as narrativas de vida de editoras e o fazer editorial

Por meio das narrativas de vida das editoras Constanza Brunet (Argentina), Paula Anacaona (França) e Maria Mazarello (Brasil), trazemos alguns questionamentos: essas editoras editam a si mesmas por meio dos catálogos de suas editoras? A partir de suas narrativas de vida, da relação entre o íntimo e o profissional e do fazer editorial, compreendemos as possíveis relações de como a "edição de si" se manifesta enunciativamente: pelos imaginários sociodiscursivos, o *ethos* discursivo e as representações do que seria uma editora independente. Portanto, entendemos como "edição de si" um processo em que, a partir das narrativas de si, a editora se reconstrói identitariamente, projeta imagens de si que querem legar e se apresentam à sociedade a partir de um fazer editorial, fazendo uma diferença (ética, estética) e marcando posições no campo. Acreditamos que as editoras possivelmente revelam suas identidades por meio dos catálogos de suas editoras, que constroem e emitem seus efeitos no mercado de bens simbólicos. Nesses mesmos catálogos, essas editoras assumem a defesa de seus gostos literários singulares e a busca pela consistência das obras de suas editoras. Assim, os catálogos são descritos em uma viagem de ida e volta entre as predileções e as vivências das editoras.

Letícia Santana Gomes
Doutoranda
do POSLING | CEFET-MG

Palavras-chaves Elas editam. Edição de si. Narrativas de vida. Ethos discursivo.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Autoras negras na Literatura Juvenil: autopublicação como estratégia de ocupação

Além de diversos apagamentos históricos, é perceptível uma contínua invisibilização da autoria negra e feminina. Basta observar os obstáculos para serem publicadas e ocuparem o mercado editorial. É o que nos mostra a pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè (2012), em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, que comprova que o mercado editorial é dominado por publicações de homens brancos. No entanto, com a articulação promovida pelos movimentos negros, as autoras negras vêm, aos poucos, ganhando notoriedade. Com a intenção de direcionar essas questões, também para a literatura juvenil, realizou-se a pesquisa de iniciação científica “Mapeamento de autoras negras na literatura juvenil brasileira”, no CEFET-MG, com bolsa do CNPq. Tal pesquisa consistiu em mapear autoras negras que escrevem para o público jovem, por meio dos catálogos de editoras (de pequeno, médio e grande porte) e das redes sociais. Os resultados obtidos apontam que essas autoras acabam por recorrer à autopublicação. Neste trabalho, focaremos a autopublicação como estratégia de ocupação do mercado editorial, buscando responder como ocorre esse processo, quais são as plataformas utilizadas e os retornos possíveis.

Lorrany Mota de Almeida
Graduanda em Letras
(Tecnologias de Edição)
CEFET-MG

Palavras-chaves Autoras Negras. Literatura Juvenil. Autopublicação.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

O lugar das mulheres dentro das editoras dos saraus das periferias de São Paulo

Desde o início do século, as bases letradas e letradocêntricas do campo de produção e edição da literatura brasileira têm sido abaladas por um movimento de literatura marginal-periférica que foi montado sob um amplo e forte circuito literário que delineou uma cena bem-definida. Os principais espaços de definição e fortalecimento desse movimento foram os chamados "saraus" da literatura, reuniões que ocorrem principalmente nos bares dos bairros periféricos e das favelas. A partir desses espaços, foram montadas editoras que começaram a publicar as primeiras antologias dos poemas declamados nos saraus e, em seguida, livros autorais de quem começou a se assumir como escritor ou escritora. O objetivo deste trabalho é repensar o lugar das mulheres como produtoras efetivas por trás dessas editoras, tendo como referência o coletivo Mjiba, a editora Sarau do Binho, a editora do Sarau Elo da Corrente e a editora Me parió Revolução.

Lucía Tennina
FFyL-Universidad de
Buenos Aires | CONICET

Palavras-chaves: Sarau. Periferia. Literatura Periférica. Edição.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Inventário de fantasmagorias: homofobia e memória em *Pai, pai,* de João Silvério Trevisan

Da sua poltrona você regia o mundo.
Franz Kafka

O presente texto pretende efetuar uma interpretação do romance *Pai, Pai*, de João Silvério Trevisan, publicado em 2017. Tal interpretação coloca em movimento duas linhas de força que aparecem no texto de Trevisan, a saber, a homofobia, que surge como traço constitutivo da sociedade brasileira, e a construção de uma memória que, às vezes, é focada como individual e, em outros momentos, como coletiva. Num primeiro movimento, colocamos em destaque a homofobia, que é problematizada no romance, partindo de algumas colocações de Daniel Borrillo (2015) e, em um segundo movimento, a interpretação mostra como a memória funciona como forma de arquivamento, no sentido foucaultiano, e, para isso, nos valem de Foucault (2019). Ademais, a memória é fabulação e oportunidade de escrever a contrapelo, tal como salienta Benjamin (1994), e tentamos demonstrar como isso aparece na obra de Trevisan. Por meio desses dois movimentos interpretativos, buscamos situar o romance *Pai, Pai* como um texto que se constrói a partir da memória e do questionamento de uma violência constitutiva da nação, a homofobia.

Luiz Lopes

Professor do DELTEC e
do POSLING | CEFET-MG

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Memória. Homofobia. João Silvério Trevisan.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Editoras cartoneras no Brasil, independentes e autônomas

Este trabalho faz parte do meu projeto de dissertação de mestrado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), na linha IV – Edição, Linguagem e Tecnologia. Proponho uma breve análise das editoras cartoneras no Brasil, partindo do preceito de que editoras cartoneras são casas editoriais/pessoas editoras independentes e autônomas, fato que permite que existam e resistam na borda do grande mercado editorial. Para tanto, farei uma reflexão sobre o surgimento e os desdobramentos do movimento cartonero no Brasil, citando algumas editoras cartoneras relevantes nas comunidades em que se encontram, isto é, que são agentes culturais em suas cidades e no país todo, uma vez que o surgimento de uma editora cartonera é um evento que impulsiona a produção cartonera nacional. Utilizarei como referencial teórico Hernán López Winne e Víctor Malumián, no que tange as editoras independentes como autônomas e agentes culturais, e Pierre Bourdieu para as questões do campo editorial.

Luiza dos Santos Silveira

Mestranda em Estudos de
Linguagens | CEFET-MG

Palavras-chaves Editora Cartonera. Agente Cultural. Campo Editorial.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Discursos feministas: lutas por sentidos e por lugares de enunciação

A partir do lugar teórico-metodológico da Análise de Discurso materialista, em diálogo com os estudos de gênero, feministas negros e decoloniais, elejo como objeto privilegiado os discursos feministas em diferentes materialidades significantes. No mestrado, pesquisei periódicos da imprensa feminista alternativa/independente da Argentina e do Brasil, nos anos 1970. Destaco que a participação das mulheres na prática editorial e na circulação dos periódicos foi fundamental para a organização do movimento. No doutorado, analisei a emergência no discurso de um lugar de enunciação que fissura a unidade imaginária do *nós mulheres* do feminismo. O trabalho dedicou-se a discutir a luta por lugares de dizer e existir, por visibilidade e contra o silenciamento histórico de mulheres negras no Brasil, a partir dos anos 1980, nos movimentos de inclusão/exclusão e diferenciação dos discursos feministas, dos movimentos negros, da brasilidade, entre outros. Novamente, ganham importância as práticas de edição, sejam as de autoedição de autoras literárias, de coletâneas para a promoção da literatura negra ou de periódicos de coletivos de mulheres. Sigo analisando os processos de subjetivação e as disputas pelos sentidos de palavras e expressões ligadas às identidades discursivas e às polêmicas no digital, a exemplo de "ideologia de gênero".

Mariana Jafet Cestari
Professora do DELTEC | CEFET-MG

Palavras-chaves Discurso. Feminismos. Lugares de Enunciação.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

A produção literária feminina em Mato Grosso do Sul: silêncios periféricos

A literatura produzida em Mato Grosso do Sul (MS) é pouco (re)conhecida. E o processo de (re)conhecê-la torna-se ainda mais árduo quando delimitamos este universo para a literatura feminina produzida ali. Alguns fatores, como a escassez de livrarias, de editoras e as dificuldades de compra, distribuição e acesso são complicadores nesse processo. Para tanto, o interesse da pesquisa apresentada abarca as discussões sobre a literatura ficcional produzida por mulheres, em um cenário de fronteiras físicas, sociais, econômicas e epistemológicas que circundam o estado de Mato Grosso do Sul. Devido à abrangência deste tema, foram precisos recortes: um temporal, que engloba desde a fundação do estado, em 1977, até 2019; e um textual, que envolverá as poesias e contos de escritoras que tenham o local como temática, dentro do período já posto. Para tanto, será feito um apanhado de obras que estabeleceram algum “cânone” sul-mato-grossense, a fim de identificar quais são as escritoras nele presentes que correspondam ao recorte proposto. Vale ressaltar alguns dos nomes de escritoras já selecionadas: Raquel Naveira, Flora Thomé e Fernanda Ebling. Após selecioná-las, o intuito é traçar um perfil literário a partir de suas relações com o *lócus* do estado de Mato Grosso do Sul.

Melly Fatima Goes Sena

Doutoranda em Estudos da
Linguagem pela Universidade
Federal do Mato Grosso do Sul
Fundação de Cultura de
Mato Grosso do Sul

Rosana Cristina Zanelatto

Professora da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul

Palavras-chaves Mulheres. Fronteiras. Periferia.



O corpo materno em movimento

O projeto “O corpo materno em movimento” investiga a representação de figuras maternas na literatura de autoria feminina. O foco da pesquisa volta-se a romances contemporâneos brasileiros, com especial atenção a autoras como Maria Valéria Rezende (*Quarenta dias*); Carola Saavedra (*Com armas sonolentas*), Eliane Brum (*Uma Duas*), Elvira Vigna (*A um passo*) e Sheyla Smanioto (*Desesterro*). Além dos romances, a pesquisa investiga também outros gêneros literários, a fim de perceber que caminhos têm sido encontrados pelas escritoras para abordar ficcionalmente o tema, com a complexidade e nuances que a representação requer. A pesquisa adota como caminho metodológico as noções de espaço literário e pensamento exterior, em Maurice Blanchot, e a relação entre corpo e escrita proposta por Jean-Luc Nancy. Outro pilar da pesquisa volta seu olhar à construção do mito do amor materno no melodrama clássico. Para isso, textos tais como “The case of the missing mother: maternal issues in Vidor’s *Stella Dallas*”, de E. Ann Kaplan, também compõem o arcabouço teórico. O objetivo é observar como essa construção foi feita pelo cinema clássico e investigar como se deu a mesma representação, pós-estudos de gênero, nas produções literárias. Outras pensadoras fundamentais às reflexões propostas por esta pesquisa são Simone de Beauvoir, em *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita*, e Teresa de Lauretis, em *A tecnologia de gênero*.

Mírian Sousa Alves
Professora do DELTEC | CEFET-MG

Palavras-chaves Literatura Contemporânea. Autoria Feminina. Escrita do Corpo.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Utopias distópicas em *Frankenstein* e *Os despossuídos*

Buscamos analisar duas obras de relevância, *Frankenstein* e *Os Despossuídos*, de duas escritoras da ficção científica, Mary Shelley e Ursula K. Le Guin, além da forma como estas autoras se situam nesse gênero e no campo literário. Para realizar tal recorte, usaremos as obras originais de ambas e dados biográficos contidos nelas. O presente trabalho tem o intuito de ressaltar o caráter de crítica social de ambas as obras, que usam da metáfora típica da ficção científica, com seus mundos imaginários, para questionar o *status quo* da sociedade na qual as escritoras estão inseridas. Ressalta-se também a importância das autoras como representantes femininas de um gênero literário marcado por forte presença masculina, no qual muitas vezes a presença feminina era vista de forma negativa. Além disso, busca-se ressaltar o papel da leitura de fruição, intimamente ligada ao gênero da ficção científica, como uma leitura que também pode ser crítica, principalmente no que tange ao papel da ciência. Tanto *Frankenstein* quanto *Os Despossuídos* levam o leitor a questionar, por meio da metáfora literária presente nas obras, a relação do mundo e da ciência. Não é feita uma análise histórica comparativa das autoras; propõe-se, todavia, pensar em como, mesmo separadas pelo tempo, ambas as autoras levantam a reflexão sobre a forma como a ciência é percebida.

Sabrina Ramos Gomes

Doutoranda do
POSLING | CEFET-MG

Palavras-chaves Ficção Científica. *Os Despossuídos*. *Frankenstein*. Ursula Leguin. Mary Shelley; Distopias.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDIÇÃO
CEFET-MG

Corpo e literatura: desigualdade social e representação

O objetivo desta investigação é pensar sobre as formações discursivas que realizam cerceamentos sobre alguns corpos na literatura, especialmente o corpo negro. Nossa análise será realizada a partir de notícias publicadas no dia da morte das escritoras Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector, no jornal *Folha de S. Paulo*, no ano de 1977. A concepção de sujeito utilizada nesta análise é a do indivíduo que produz conhecimentos sobre a língua, porém se afasta do meio literário pelas relações construídas através do discurso. Alguns escritores chegam a publicar, no entanto, não encontram lugar neste espaço bem delimitado para a classe média. No caso de Carolina Maria de Jesus, as imagens construídas afetam o seu percurso; ela fica, por muito tempo, esquecida e só recentemente temos novas críticas que nos levam a entender sua literatura, a variedade de sua produção e sua trajetória. Nossa análise partirá de inquietudes, das nossas e das assinaladas por Foucault (2006), sobre o que pode perpetuar a realidade material do discurso a partir das interdições e suas representações de poder.

Tatiane Silva Santos

Professora de Língua Espanhola
da Universidade do
Estado de Mato Grosso
doutoranda pela Universidade
de São Paulo

Palavras-chaves Literatura. Representação. Escrita.



Grupo de Estudos
MULHERES NA EDUCAÇÃO
CEFET-MG

O dígrafo *ph* na língua portuguesa: estudo e glossário etimológico

A escrita é uma das invenções que mais influenciou o avanço tecnológico e científico da humanidade. A partir dela, foi possível registrar os conhecimentos tecnológicos e artístico-culturais das sociedades humanas. Ainda que haja, atualmente, uma maior tendência em se privilegiar pesquisas sobre a língua oral na área linguística, observa-se que estudar, não apenas a língua escrita, mas o sistema escrito em si, importa, visto que essas convenções gráficas chamadas de letras apresentam intercâmbio cultural. Ao passar de povo para povo, os sistemas de escrita, precisamente o alfabeto, traz as marcas desse intercâmbio. Um exemplo claro da influência de uma cultura sobre a outra é o dígrafo *ph*, tema desta pesquisa. Embora nunca tenha representado nenhum som específico no português, esse dígrafo foi utilizado por vários séculos, no Brasil e em Portugal, devido ao prestígio que a cultura grega exerceu sobre a sociedade luso-brasileira. Com isso, tenta-se responder à seguinte pergunta: que fatores contribuíram para o uso e o desuso do dígrafo *ph* na língua portuguesa? A partir daí, propõe-se criar um glossário etimológico, a fim de mostrar o caminho feito por essas palavras até a os dias atuais.

Zenilde Alves Ferreira
CEFET-MG

Palavras-chaves Dígrafo *Ph*. Escrita. Etimologia.